

## A ESCRITA DE ESTUDANTES PRÉ-UNIVERSITÁRIOS: REPRESENTAÇÃO E ESTEREOTIPIA\*

Helena Hathsue Nagamine Brandão\*\*

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo apresentar as primeiras abordagens de um *corpus* representativo de redações fuvest/2006 produzidas por candidatos selecionados em primeira chamada. Focalizam-se: as condições de produção, a relação instrução – textos produzidos, estereotipia e representações sociais do trabalho e da escrita. O resultado parcial da análise aponta para uma produção que, ao tentar responder às expectativas da instituição, mostra as carências de uma prática escolar não calcada numa concepção discursiva da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso; Produção escrita; Pré-construído; Estereótipo Representação social.

### O VESTIBULAR DA FUVEST: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

**E**ste exame representa para muitos jovens uma espécie de rito de passagem necessário entre o fim do ensino médio e o ingresso ao ensino superior, tendo em vista uma formação profissional de qualidade numa das nossas mais consideradas universidades públicas. Dessa maneira, a situação em que se realizam os exames, e especificamente a redação como um dos itens da prova de Língua Portuguesa, apresenta uma série de aspectos condicionadores da produção dos textos dos can-

\* Este texto é parte da pesquisa realizada com bolsa de pós-doutorado concedida pela Fundação Capes (Projeto Capes/Cofecub n. 510/05) junto ao LIDILEM - Université Stendhal-Grenoble3 (França).

\*\* Universidade de São Paulo.

didatos. Pois, eles são produzidos: em uma situação de avaliação em que o texto deverá atestar a sua capacidade de escritura; em um processo que visa a selecionar os melhores dentre os milhares que se inscreveram;<sup>1</sup> em uma situação de extrema competitividade e, por isso, em um clima de grande tensão.

#### O CORPUS DA PESQUISA

É constituído de um número representativo de cerca de 1% das redações produzidas: 284 redações de diferentes carreiras e compreende somente as dos candidatos aprovados em primeira chamada.<sup>2</sup> Para essa primeira abordagem, analisei 30 redações, o que corresponde a pouco mais de 10% do *corpus*.

#### A RELAÇÃO INSTRUÇÃO – TEXTO PRODUZIDO

A instrução apresentada (v. anexo) ao candidato tinha três orientações: ler três pequenos textos sobre o tema *trabalho* (faz-se uma referência ao conteúdo de cada texto que apresenta diferentes visões do tema); relacionar o conteúdo dos textos lidos; escrever um texto dissertativo em prosa argumentando sobre o que leu nos três textos e outros aspectos que considerasse pertinentes ao assunto proposto.

A execução da instrução apresentou o seguinte resultado: quase todos os candidatos (com exceção de dois) do *corpus* dessa primeira abordagem desenvolveram seu texto baseados no texto 2; a metade fez apenas uma ligeira referência ao texto 3, e alguns poucos ao 1.

<sup>1</sup> Eis os números da Fuvest/2006: candidatos inscritos: 170.474; candidatos que passaram para a segunda fase: 27.584; número total de vagas oferecidas: 11.597.

<sup>2</sup> O *corpus* foi selecionado aleatoriamente pela própria Fuvest/2006.

Que dizem esses dados? Sob meu ponto de vista, podem ser destacados os seguintes aspectos:

- O desenvolvimento maciço centrado sobre a problemática do texto 2 talvez seja porque ele diz respeito a uma visão mais próxima da realidade dos candidatos – as condições de trabalho no mundo contemporâneo, eles repetem o discurso que circula socialmente seja na conversação cotidiana, seja na mídia. O texto 1, de caráter mais abstrato, exigia uma reflexão mais generalizante e conhecimentos não do domínio ou ainda estranhos a seu universo cultural. O texto 3, apesar de sua presença na metade das redações, mostrou também falta de conhecimentos culturais que restringiu a abordagem do assunto. Ele estava no texto por causa da instrução (e era preciso seguir a instrução sob o risco de perder pontos).
- Percebe-se na estrutura das redações um cuidado em seguir a orientação: a maior parte delas segue seqüencialmente os três textos na ordem dada pela instrução; há aquelas que são paráfrases dos textos da instrução. Enfim, elas fazem uma leitura literal da instrução.
- O desenvolvimento prioritariamente centrado sobre a temática do trabalho no mundo contemporâneo proporcionou uma grande presença de pré-construídos. Isto é, o tratamento da problemática do trabalho é discutido utilizando-se de *idéias recebidas* que circulam no discurso social atual.

#### O DISCURSO SOCIAL: PRÉ-CONSTRUÍDO E ESTEREOTÍPIA

Pode-se dizer que o discurso dos candidatos é atravessado por um discurso que circula na sociedade contemporânea, que, por causa da mundialização, vive, em relação ao trabalho, uma problemática comum. É um discurso que veicula idéias transmitidas pela

*media* e bem presentes no cotidiano de cada cidadão. São o que o francês chama de *idées reçues*, idéias que vêm não se sabe de onde exatamente.

A Análise do Discurso trabalha com a noção de pré-construído, noção introduzida por Pêcheux (1990, citado por Maingueneau, 1998) que a define como “os traços no discurso de elementos discursivos anteriores de que se esqueceu o enunciador”.<sup>3</sup> Segundo Maingueneau (1989), a noção de pré-construído foi em seguida reformulada como o traço do interdiscurso no intradiscurso. Isto é, toda formulação discursiva “se encontraria colocada de alguma forma na intersecção de dois eixos: o *vertical*, do pré-construído, do domínio de memória, e o *horizontal*, da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo uma vez que o sujeito enunciador é produzido como interiorizando de maneira ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe” (p. 115).

O pré-construído é, então, próprio à natureza mesma da linguagem. Linguagem compreendida como interação social, como ato concreto de enunciação dirigido para o outro pela sua natureza essencialmente dialógica, heterogênea. É por isso que o pré-construído tem para o sujeito um efeito de evidência; ele o mobiliza em suas operações linguajares sem que dele se aperceba.

Amossy (1991), fazendo um estudo semiológico das idéias recebidas, explica esse fenômeno do pré-construído em um quadro teórico mais cultural e mediático. Para essa autora “nosso espírito é habitado por representações coletivas através das quais apreendemos a realidade cotidiana e fazemos significar o mundo”. O imaginário social se inspira e se alimenta incessantemente dos textos e da iconografia de sua época.

---

<sup>3</sup> Esses traços são, por ex., os grupos nominais com artigos definidos (*o proletariado*), as aposições (*A França, que é o país dos direitos humanos...*), as nominalizações (*a redução do desemprego*), os elementos que permitem que uma formulação já assertada venha se encaixar como pré-construído (os comunistas são materialistas -) *o materialismo dos comunistas...*)

*Filol. lingüíst. port.*, n. 8, p. 239-250, 2006.

Reciprocamente, a produção cultural se alimenta das imagens que circulam na sociedade contemporânea. Ela se alimenta necessariamente no estoque preexistente de representações coletivas, que ela retoma por sua conta com maiores ou menores modificações, com mais ou menos êxito. Um vai e vem incessante se estabelece assim entre as imagens alojadas *em nossa cabeça* e as que divulgam abundantemente os textos e as *media* (1991, p. 9).<sup>4</sup>

Quando o pré-construído se torna repetitivo, automatizado, uma representação coletiva congelada, cristalizada em um grupo social, temos o estereótipo<sup>5</sup> ou lugar-comum.

Segundo Amossy, os estereótipos “são imagens preconcebidas e cristalizadas, sumárias e recortadas das coisas e dos seres” que o indivíduo recebe de seu meio social e que “determinam em maior ou menor grau sua maneira de pensar, de sentir e de agir”. Os estereótipos são, pois, imagens de segunda mão que mediatizam nossa relação com o real. Nós percebemos, com efeito, somente o que nossa cultura definiu antecipadamente por nós.

No domínio das ciências sociais, o termo estereótipo tem tido geralmente seu sentido ligado ao preconceito; mas no domínio das letras e da comunicação ele está ligado antes à idéia do pré-construído, “ele designa as unidades pré-fabricadas através das quais se revela o discurso do Outro. O já-dito é a marca da banalidade” (Amossy, op. cit., p. 30) que, sob a máscara da evidência, se dá como natural, próprio, sem questionamento.

A noção de estereótipo é uma noção problemática pelo seu caráter ambivalente, “ao mesmo tempo nocivo e benéfico, perigoso e indispensável” (id., p. 37) Na sua origem, o termo foi utilizado

<sup>4</sup> A tradução dos excertos de Amossy é de minha responsabilidade.

<sup>5</sup> Esse processo de repetição, a automatização toma outras denominações segundo certas especificidades. O estereótipo é muitas vezes confundido com noções vizinhas também ligadas à idéia do pré-construído; assim, Amossy distingue: “a imitação é limitada ao tema puramente literário ou poético, o clichê designa um fato de estilo ou uma figura de retórica desgastada, o lugar-comum se refere a uma opinião partilhada e correntemente enunciada pela comunidade” (1991, p. 33).

na arte da imprensa: o estereótipo era “o objeto impresso duplicado ao infinito graças à reprodução de um mesmo modelo” (id., p. 25). Nesse sentido, o estereótipo não tem um sentido negativo, pois, permitindo a reprodução estandardizada abrange, pelas grandes tiragens, a era da difusão e do consumo de massa. Mas, é justamente por isso que se opera a passagem para o sentido pejorativo: o sentido literal *reproduzir em prancha sólida* desliza metaforicamente para o sentido figurado: *tornar inalterável, fixo, imóvel, sempre o mesmo* (Amossy, id., p. 25).

Esses dois sentidos, de um lado positivo e de outro negativo, coexistem dialeticamente no termo. Impossibilitados de conhecer tudo pela experiência direta, remetemos a fontes de segunda mão e assimilamos as imagens, as representações legadas pela coletividade. Imagens esquematizadas que recortam o real ou o discurso segundo um modelo imutável, povoadas de generalizações simplificadas e rígidas que impedem de ver a diferença, o matiz, o caso particular e não permitem o desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico.

De outro lado, o contato direto com todas as coisas e acontecimentos é hoje impossível. Nosso conhecimento, de uma maneira geral, é sempre de segunda mão, ele vem do outro, ele passa pelas *media*, pela opinião pública, pelo que circula no ambiente. É um procedimento essencialmente econômico. Além disso, sob o aspecto da linguagem, nosso discurso está povoado pela palavra do outro, não há atos de enunciação adâmicos.

#### REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO E ESTEREOTIPIA

A tematização do trabalho, no nosso *corpus*, é operacionalizada por enunciados que fazem circular idéias recebidas da conversação cotidiana, sobretudo influenciadas pelas *media*. De uma maneira geral, a questão é problematizada sobre dois eixos: um eufórico, outro disfórico.

Sobre o eixo eufórico há toda uma representação positiva, um *ethos* louvador do trabalho que é referido como: trabalho eterno (R28); a maior invenção histórica do homem (R1); instrumento de promoção do homem (R2); forma de satisfação, de reciprocidade, de cooperação (R6); esperança de liberdade e de progresso (R7); forma de superação (R.); o trabalho artístico como dom (R1); o trabalho artístico como imutável e imortal (R18). Como vimos, nesse eixo, os predicados que se aplicam ao trabalho são de natureza generalizante, abstrata.

Sobre o eixo disfórico, temos predicados desqualificadores que fazem uma representação negativa do objeto tematizado cujos efeitos são condenáveis: o trabalho como forma de degradação, como causa de escravização (R2), de guerras, brigas, desacordos (R1); como origem do acúmulo de dinheiro e de diferenças sociais (R1); como origem do capitalismo (selvagem) (R2), do neoliberalismo (R5), da globalização e suas conseqüências nefastas (R8); como causador do medo e da instabilidade (R12); como fonte de lucro, capital, prazeres supérfluos (R12, 16); excesso de trabalho e exploração da mão de obra (R12); extrema competitividade e seletividade do mercado de trabalho (R20, 2); o desemprego (5), etc.

O que se pode depreender desse levantamento é uma visão maniqueísta do trabalho: ora como uma bênção, uma necessidade de satisfação humana, ora como um mal necessário que o homem do mundo da globalização deve confrontar ante os excessos trazidos pelo capitalismo, neoliberalismo. Há, pois, nesse discurso um *ethos* de reprovação, uma avaliação e mesmo um posicionamento do locutor diante das condições vividas pelo homem contemporâneo. Mas essa visão, seja do eixo eufórico seja do disfórico, caracteriza-se pela homogeneização porque é construída por já-ditos, por estereótipos, lugares-comuns presentes na coletividade e que nossos estudantes repetem.

Segundo Amossy, “os sociólogos julgam que as imagens coletivas têm por efeito manifestar a solidariedade do grupo e assegurar sua coesão. Elas traduzem a participação de uma visão de mundo

comum que dá a um conjunto de indivíduos isolados a sensação de formar um corpo social homogêneo” (1991, p. 36). Sob esse aspecto, essa presença homogeneizante do estereótipo pode ter uma função ideológica e política: permitir a coesão social e dar identidade a um determinado grupo social.

Por outro lado, a par desse aspecto positivo, é preciso ter consciência dos estereótipos, reconhecê-los em sua transparência e refletir sobre o que se esconde sob as evidências porque o perigo da repetição é a automatização, a acriticidade, a inflexibilidade, a generalização, o preconceito.

Dessa maneira, pode-se dizer que os textos produzidos pelos candidatos Fuvest/2006 mostram um certo acordo com o discurso social contemporâneo. Mas esses sujeitos não chegam a articular uma visão crítica sobre essas idéias que reproduzem, eles somente as consomem, são seus usuários. Nessa abordagem inicial, em 30 redações, pudemos destacar pouquíssimos textos que apresentam uma visão articulada de forma mais coerente e crítica. Por falta de espaço, examinemos apenas um fragmento de um deles.

Fragmento de R10:

[Primeiro, o motivo do trabalho. Se a resposta é algo que norteie por glorificação tem-se algo próximo do limão. É invenção recente o trabalho como dignificante. Cidadãos atenienses, patrícios romanos, nobrezas feudal e moderna não trabalhavam. Não há no trabalho pilar dogmático de glória. Apenas há a vontade antropomórfica – calvinista burguesa – que um dia brotou, postando-lhe como virtude. (...) Como fruto humano, doce ou azedo, o trabalho é imperfeito. Sua salvação ou danação resulta do norte que toma. Norte que lhe faz maduro a cada dia, não sendo por completo igual ontem e amanhã.]

O texto trabalha com a metáfora: revela dois enunciadores que dialogam no plano semântico do literal e no plano semântico do figurado, do outro sentido; as antíteses, doce x azedo, salvação x danação expressam pontos de vista de enunciadores que se opõem; contesta o estereótipo, desconstruindo-o: “É invenção recente o trabalho como dignificante”; nessa mesma linha da desconstrução,

para representar o trabalho como algo que é construído pelo homem, traz para o texto palavras do campo semântico do mutante, variante, do imperfeito, do incompleto (predicados que remetem a pressupostos contrários); estabelece um interdiscurso com a história em que a evocação dos fatos históricos na linearidade temporal é feita de forma diferente daquela seqüência lingüística estereotipada utilizada pela maioria dos outros candidatos “desde o início, os primórdios, os tempos remotos... até hoje, os dias atuais”. Como se vê, a estratégia do candidato explora o princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem: o dialogismo.

Resumindo: podemos dizer que nesse texto, o locutor se posiciona criticamente, utilizando diferentes estratégias de inserção do OUTRO no UM. É um texto, portanto, polifônico, que faz emergir várias vozes enunciativas, fugindo pelo trabalho pessoal dado, ao esquemático, ao estereotipado e fazendo intervir um estilo mais pessoal que dialetiza pontos de vista. Contrariamente, entretanto, ao que se viu nesse texto, a maioria das outras produções revestem-se de um caráter monofonizante. Num levantamento geral, observa-se uma presença tímida de elementos indicadores da heterogeneidade mostrada e constitutiva da linguagem. A presença maciça das idéias recebidas, dos estereótipos não significa que temos um discurso social voltado para o outro. Ao contrário, a repetição automatizada dos estereótipos (geralmente articulada numa organização textual bastante confusa) mostra um discurso centrado num universo restrito, num imaginário maniqueísta a representar o mundo do trabalho. Na automatização e evidências do estereótipo, o discurso é monogerado, o locutor é uma voz monofonizante que fala na ilusão fantasmagórica de ser a fonte do seu discurso. Daí a presença tímida de aspectos da heterogeneidade enunciativa.

#### CONCLUSÕES PARCIAIS

O que os dados levantados nessa primeira abordagem nos dizem? Algumas possíveis respostas:

- a) As poucas marcas de heterogeneidade mostrada e uma presença marcante de idéias recebidas, de estereótipos, tratados como evidências inquestionáveis pela maioria dos candidatos seriam índices de falta de um posicionamento crítico e mais original do sujeito locutor para dialetizar ou desconstruir o esquema padrão. A falta de consciência do estereótipo é monofonizante. A consciência crítica é polifônica, introduz o outro que subverte a ordem do estereótipo.
- b) Paradoxalmente, essa voz hegemônica monofonizante é uma voz sufocada pelo outro, mas o outro dos estereótipos do discurso social, de cuja presença e poder ele não consegue fugir ou encontrar saída. Ele os repete acreditando com isso responder às expectativas da instituição escolar que muitas vezes concorre para criá-las com suas aulas de redação receitando fórmulas. A representação que esse locutor faz da escrita está calcada num imaginário alimentado, de certa forma, por práticas institucionais.
- c) Esses aspectos sinalizam um não domínio ou desconhecimento da natureza heterogênea da linguagem, de questões que dizem respeito a um tratamento discursivo, pragmático e enunciativo da língua.
- d) Dessa forma, uma questão se coloca para uma próxima abordagem poderia ser: esses locutores são autores? Eles se inscrevem em seus textos como sujeitos que têm uma identidade?
- e) Outra questão: pode-se dizer que esses textos constituem um gênero discursivo? Julgo que, pelas suas condições específicas de produção e características apresentadas, constituem um gênero escolar específico – a redação de vestibular – exemplar perfeito do que Samir Cury Meserani, em seus estudos dedicados à problemática da escritura nos anos 1970-80, chamou, referindo-se à prática da produção escrita na escola, de *o medo em 30 linhas*.

*Filol. lingüíst. port.*, n. 8, p. 239-250, 2006.

#### BIBLIOGRAFIA

AMOSSY, R. (1991). *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*. Paris: Nathan.

MAINGUENEAU, D. (1989). *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (1998). *Termos-chave da Análise do Discurso*. Trad. Márcio V. Barbosa e M. Emília A.T. Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to present a first approach to a representative sample of short essays written by successful applicants in the first part of the fuvest/2006 college entrance exam. Our focus is on the conditions in which they were produced; the relationship between prior instruction and the texts produced; stereotypes and social representations present in the texts. Partial results indicate that while trying to fulfill the expectations of the examining institution, the applicants lack school experience based on a discursive concept of language.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis; Written Production; Preconstructed, Stereotype; Social Representations.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. A escrita de estudantes pré-universitários...

ANEXO: FUVEST/2006 - REDAÇÃO

REDAÇÃO

Texto 1

*O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.*

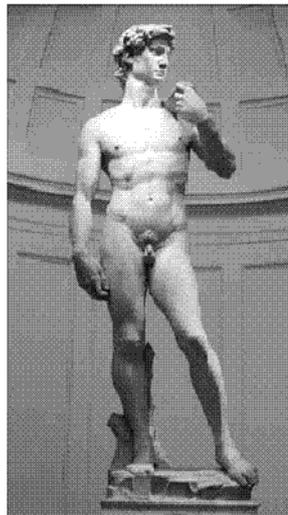
Adaptado de A. Simões

Texto 2

*Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.*

M.A. Marques

Texto 3



*O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".*

Adaptado de site da Internet

**INSTRUÇÃO:** Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.